

Temporada exigente é igual a bom beisebol

Oscar Sánchez Serra, Enviado especial

• TÓQUIO.— Tentemos subtrair-nos, embora se saiba que é muito difícil para um cubano, da imagem que deixou o time de Cuba no último jogo contra a Holanda, para poder examinar o percurso da seleção dirigida por Carlos Martí no World Baseball Classic (WBC) 2017.

Antes de chegar à capital nipônica, a maioria dos fãs e nós, os jornalistas, tinha coincidência em que o time não passaria da segunda fase, em um torneio tão exigente como o que acaba de acontecer. Da mesma forma pensaram, também, as autoridades do beisebol do país, pois o objetivo era chegar até esse ponto. Naturalmente, que já classificados para essa etapa, a lógica — ainda que não haja como fundamentá-la — não permitia conformar-nos. Inclusive, ainda perdendo, o time teve melhor desempenho nos dois primeiros jogos, do que nos três da segunda rodada.

Lembremos o primeiro encontro com o Japão (que perdemos por 6-11), que além das estratégias com os arremessadores, não causou ao time local grandes preocupações. No jogo com a China, o mais modesto dos participantes, marcamos seis pontos, mas durante os primeiros innings, um contrário tão fraco como os chineses não nos permitiu abrir o placar. Isto é, com tudo e as 14 rebatidas contabilizadas nesse desafio, só em um inning, o quarto, pudemos demonstrar-se superioridade. Depois, veio o crucial encontro com a Austrália, e da mesma forma, em um inning e com um home-run de Alfredo Despaigne, pudemos acessar à fase seguinte. Os australianos reagiram, mas finalmente vencemos por 4-3.

Já na etapa de oito times, no grupo E, Israel silenciou a ofensiva antilhana, deixando-a em apenas cinco hits e com outra rebatida de Despaigne marcamos em um só inning. O quinto jogo foi muito melhor, pois disputamos o jogo com o Japão e foi no oitavo inning, por causa de um erro, que os japoneses conseguiram a vitória. Finalmente, veio a débâcle, perdendo por 1-14 para a Holanda.

Sou daqueles que acreditam nestes homens, em sua vergonha. Como disse o treinador Carlos Martí, entregaram tudo, sabendo que eram inferiores a jogadores de muito nível na etapa das quartas de final, entenda-se por isso o time israelense, o

perfeito e imperturbável time japonês e o explosivo e ofensivo time holandês.

Concordo com os que consideram que em um World Classic não podemos resolver as grandes dívidas de nosso passatempo nacional que, na minha opinião, têm como centro a condução deste esporte, já não apenas na arena competitiva, mas social. Tenha-se um bom espetáculo como temporada nacional e recolhemos os frutos.

Se não conseguirmos isso, que leva implícito o incremento do nível de nossas campanhas, os jogadores que venham a um WBC não saberão atuar sob essa alta demanda, essa que plantou a Holanda no último jogo e que não se pôde responder a tempo. Se um arremessador domina com facilidade em um torneio sem exigência, quando chegue a este será rebatido com facilidade. E cito o caso de Lázaro Blanco porque era o arremessador mais cotado, mas poderia falar de qualquer outro.

À ofensiva, igual, o próprio Jefferson Delgado, líder dos rebatedores no último campeonato nacional, nos disse: "É muito difícil para mim. No campeonato em Cuba posso rebater com mais facilidade, mas não aqui, a bola é arremessada com muita velocidade e não posso manipular o taco. É bem complexo, são arremessadores de alto nível!" Sem comentários.

Há uma opinião de muitos que a ofensiva foi boa. Mas, cuidado, a média ou a quantidade de hits não é tudo. Eu penso que fomos ineficientes no ataque, pois como poderíamos explicar que em 52 innings, tenhamos marcado apenas dez pontos. Ou por exemplo, como vencer ou aspirar a vencer se os rebatedores de maior potência só deram um hit em 32 vezes com o taco. E como se fosse pouco, faltou velocidade e agressividade ao correr nas bases. São detalhes que, mais além da qualidade do contrário ou da decisão que se tiver, fazem ir por água abaixo qualquer desejo de triunfar.

O desempenho dos arremessadores foi pior. Eu poderia parecer absoluto, mas não penso que tenha havido um grupo de arremessadores mais nobre ou mais castigado que o cubano, porque o da China era igual, mas permitiu chegar menos jogadores contrários às bases.

Nas conversações entre colegas e em critérios enviados pelos fãs, expuseram o tema que com a presença dos jogadores formados em Cuba e que hoje são estrelas na MLB, teria sido dife-

rente. Claro, não duvido isso, inclusive até em um torneio como o WBC poderíamos ganhar, mas a solução das dívidas do beisebol continuaria pendente. As negociações entre essa organização e a Federação cubana continuam, mas insisto, devemos fazer algo no âmbito interno.

É preciso encorajar a prática do beisebol em Cuba, se o queremos tanto devemos empoderá-lo, por aquilo que representa, pois não é parecido com nenhum outro esporte; ele mexe os sentimentos pátrios, as multidões, os estados de ânimo, enfim, o país. Com boa organização, bem pensado, sem triunfalismos baratos e lançando mão da ciência, porque o beisebol é uma ciência, tudo aquilo que investirmos, será possível de recuperar.

Necessitamos rever profundamente desde a temporada competitiva até o profissionalismo daqueles que têm a ver com a condução deste esporte. Quando falo desta qualidade, refiro-me a um trabalho em equipe, capaz de reverter o momento atual. Leva tempo, mas tem que começar já, o tempo exige pressa.

Com o número de jogadores de beisebol que temos, que surgem aos milhares, poderíamos ter beisebol o ano todo, em diferentes escalões, sobretudo nas categorias inferiores. E depois, com cada província, em um campeonato nacional de não mais de 75 jogos, buscar o campeão. Ah, mas depois tem que haver uma espécie de Liga Cubana, com quatro ou seis times, e com os melhores jogadores, pode ser entre outubro e janeiro para que nela joguem os que se desempenham fora, contratados pela Federação Nacional, mas também poderiam ser incluídos jogadores de outras nações ou do circuito de MLB, caso as negociações avancem, se existe decisão de trabalho, como disseram os diretos dessa estrutura. Cuba tem todas as condições para desenvolver uma liga competitiva, pois conta com o principal, o material humano.

Sei que os jogadores partiram cabisbaixos, sabem que no beisebol não está permitido algo como o acontecido no último jogo. Todos estiveram em seus quartos, mas o diretor, apesar do péssimo momento, teve palavras de reconhecimento para seus jogadores. "A Holanda não deu tempo a recuperar-nos, como se diz na gíria do beisebol, atacou-nos sem compaixão", disse Carlos Martí. Já tudo passou, agora não percam mais tempo joguemos ao beisebol, mas com os olhos bem abertos. Estamos em tempo. •

Uma Linha Aérea, um País



desde 1929



8 de Outubro de 1929
Constituição da Companhia Nacional Cubana de Aviação Curtiss, S.A.



Escritório Central: Carretera Mirugas No. 1401 F/ Carretera Panamericana y Final. Reparto: H. Wajoy. Municipio Boyeros. Havana
Fone: (53-7) 831 4416 até 49
www.cubana.cu

COMPLEXO CIENTÍFICO ORTOPÉDICO INTERNACIONAL



Diretor:
Rodrigo Alvarez Cambras
Ave. 51 No.19603 La Lisa
La Habana
Cuba
Tel: (537) 271 8646/ 271 9055/ 273 6480
Fax: (537) 273 6480/ 273 1422/ 273 6444
E Mail: cambras@fpais.sld.cu
ccfpais@fpais.sld.cu
www.frankpais-ortop.com
www.cortopfpais.sid.cu

O Complexo hospitalar mais extenso e integral do mundo, dedicado à cirurgia ortopédica, traumatológica, reconstrutiva e reabilitadora do sistema osteomioneuroarticular.

Oferece tratamento em doenças da coluna vertebral; hérnia de disco; paralisia da medula espinal de origem traumática, congênita ou adquirida; paralisia dos nervos periféricos; tumores ósseos e de partes brandas; fraturas e seqüelas de fraturas; pseudoartrose; infecções ósseas e articulares; deformidades congênitas e adquiridas dos membros.

Além disso, dedica-se à cirurgia reconstrutiva em lesões de pés e mãos; enxertos ósseos e de articulações parciais e totais; substituições com próteses das articulações; microcirurgia; artroscopia; alongamento dos ossos por problemas congênitos ou adquiridos, baixa estatura ou nanismo; cirurgia de revascularização e enxerto em lesões da medula espinal em necroses articulares.

O hospital também oferece serviços especializados nas técnicas de fixação externa e em lesões e traumatismos esportivos.

Também conta com o Centro de Saúde Física e Esporte Ortoforza, dedicado à promoção, recuperação e apoio da saúde física, através do controle médico, da reabilitação e do esporte; tudo isto em uma confortável instalação que dispõe de consultas médicas, ginásio com diferentes equipamentos, quadras de tênis, piscina, minigolfe, recinto para corridas, assim como serviços de restaurante, cafeteria e outros.

Também fazem parte do Complexo a Escola Ibero-Americana de Ortopedia e Traumatologia, e o Centro de Eventos Ortop, dedicados, respetivamente, à organização de cursos e estágios, e à realização profissional de congressos e diferentes tipos de reuniões. Para isso, têm salões devidamente equipados e pessoal técnico qualificado.

ORTOP
Centro de Eventos Centro de Saúde Física e Esporte

ORTOFORZA